

TEOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

DOCTRINA SOCIAL

ECONOMIA, TRABALHO E POLÍTICA



ÉLIO ESTANISLAU GASDA



INTRODUÇÃO

Um dos frutos mais fecundos do pontificado de Francisco é a centralidade das questões sociais, políticas e econômicas. Sua doutrina social atinge nossas consciências, questiona nossas rotinas e exige uma mudança de atitudes e estilos de vida e, principalmente, provoca a superar a atual fase do capitalismo neoliberal financeirizado.

Com simplicidade, jovialidade, coerência e coragem, Francisco recolocou a Igreja na cena sociopolítica internacional. Ao desmascarar as causas da pobreza e dessacralizar as estruturas injustas, o bispo de Roma tornou-se uma referência a todos que resistem à tentação da idolatria do dinheiro imposta pela ditadura dos mercados. Logo na primeira Exortação Evangélica, a *Evangelii Gaudium* (EG, adiante), Francisco deu o tom de seu pontificado ao dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”.

Seu pontificado não deixa ninguém indiferente. Amado por uns, combatido por outros. Suas opções pastorais estão notavelmente vinculadas à *Teologia do povo*, braço argentino da *Teologia da Libertação latino-americana*. Para simbolizar a reabilitação desta teologia incompreendida por João Paulo II e o cardeal Ratzinger, o Papa Francisco

recebeu em audiência a Gustavo Gutierrez e canonizou Dom Oscar Romero, bispo mártir de El Salvador.

Sua sensibilidade social salta aos olhos, tanto em suas palavras como em seus gestos. Francisco se escandaliza diante do tráfico de pessoas e do drama dos refugiados, denuncia a crise das democracias e as mudanças climáticas. O capitalismo deixado à sua própria sorte é um sistema que se move somente em função dos seus objetivos: o amor ao dinheiro. Não há futuro nessa “ditadura sutil”, denuncia. Todo sistema centrado em si mesmo converte o *dinheiro em “esterco do diabo”*. Entre seus principais adversários estão os neoliberais.

A questão social recebeu um novo acento: grito dos pobres e o grito da terra constituem um único apelo de Deus. Não há cuidado da criação sem justiça social. A crise que assola os pobres é fruto de um sistema sociopolítico que despreza o ser humano. A degradação do meio ambiente impacta sobre os mais pobres. Francisco dedica grande atenção às causas que produzem essa agressão simultânea sobre a vida. Entre todas as questões se destaca a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta (*Laudato si'*, 16 – LS, adiante). O ambiente humano e o ambiente natural se degradam juntos (LS, 48), de tal forma que ambos devem ser abordados conjuntamente (LS, 141). Não

há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental (LS, 139).

Francisco introduz o pensamento sistêmico na Doutrina Social da Igreja (DSI, em adiante), segundo o qual todos os fatores sociais estão relacionados em torno da categoria *casa comum*. Seu ensinamento é integral, articulando as dimensões social e ambiental, econômica e política, histórica e cultural, teológica e ética.

Este novo capítulo da DSI está em continuidade com seus antecessores. Ao reorientar toda a Igreja a olhar o mundo a partir dos pobres e descartados, Francisco não diz nada de novo; reitera a ética social de vinte séculos da história do Cristianismo. A DSI sempre insistiu na urgência do acesso universal aos bens da terra, no direito à habitação e ao trabalho digno. São os três “T”: terra, teto, trabalho. “Estar com os pobres é Evangelho, não comunismo” (Papa Francisco).

CHAVES DE LEITURA

1. Continuidade

Na longa trajetória da Doutrina Social da Igreja nenhum documento surgiu do nada. Todos foram publicados em um contexto histórico particular, motivados de intencionalidade ético-teológica e fundamentados na Escritura, na Tradição e articulados ao magistério.

A Doutrina Social da Igreja, como ensinamento dos pontífices, nasce no século XIX, com a Encíclica *Rerum Novarum* (RN, adiante), publicada pelo Papa Leão XIII no dia 5 de maio de 1891. Uma encíclica é um documento oficial dirigido a todo o povo de Deus e à família humana. Inspirada na tradição dos apóstolos, seu ponto de partida é a fé, seu fundamento é bíblico e seu conteúdo aborda as grandes questões sociais. A DSI é

um corpo doutrinal atualizado, que se articula à medida que a Igreja, dispondo da plenitude da Palavra de Deus revelada por Cristo Jesus e com assistência do Espírito Santo (Jo 14,16.26; 16,13-15), vai lendo os acontecimentos, enquanto eles se desenrolam no decurso da história (*Sollicitudo Reus Socialis*, 1. SRS em adiante).

O Evangelho é a sua fonte primeira. “A DSI exprime a missão profética que têm os pontífices de guiar apostolicamente a Igreja de Cristo e discernir as novas exigências da evangelização” (*Caritas in veritate*, 12. CV, em adiante). É um grande esforço de compreensão e de interpretação dos sinais dos tempos à luz do Evangelho (GS, 4; 11). Sua abordagem transita por diversas questões: trabalho, família, educação, política, economia, direitos humanos, paz, justiça social, ecologia etc.

Francisco não é uma exceção a esta história. Seu pontificado dá continuidade e aprofundamento à Doutrina Social da Igreja. Isso está demonstrado na EG, na LS e em inúmeros pronunciamentos, mensagens e exortações.

Francisco deu um novo impulso à DSI. Seu ensino não é apenas textual, mas também gestual. Ele renunciou a atributos de vestimentas e hábitos honoríficos e foi viver em um quarto e sala de 70 m², em vez dos luxuosos apartamentos pontificais. Criado no subúrbio de uma metrópole latino-americana, construiu sua compreensão dos espaços: fronteiras existências, famílias sem casa, sem trabalho, gente descartada. Seu pontificado tem lado: o da opção preferencial pelos pobres. Seu vínculo com os pobres é inquestionável. “Os pobres são a carne de Cristo”! Suas atitudes ajudam a Doutrina Social da Igreja a ser mais compreensível aos

católicos e mais acolhida por parte dos não católicos. Sensibilidade, clareza e testemunho de vida.

2. Lugar privilegiado dos pobres (EG, 198)

A característica mais determinante da DSI de Francisco é sua insistência na centralidade dos pobres: “Não deve haver nenhuma dúvida nem cabem explicações que debilitem esta opção, pois o vínculo entre nossa fé e os pobres é inseparável” (EG, 48). O papa aprofunda a “opção preferencial pelos pobres” a partir da perspectiva do amor de Jesus pelos últimos, pelos pequeninos e indefesos. É algo que não se reduz a políticas de inclusão social. Mas é assumido como uma perspectiva para toda a sociedade. O pontífice encaixa de maneira explícita toda a reflexão da DSI sobre bem comum, justiça social e solidariedade na perspectiva dos pobres.

É para eles que existe a política e a economia. Nos pobres é preciso ver a presença de Jesus. Francisco alerta que o procedimento com base no qual seremos julgados está na parábola do juízo final (Mt 25,31-46). A miséria do povo e a exclusão social são os principais motivos que o fazem falar de economia e política. Ele participa do debate pela via do sofrimento, da fome, do desemprego, da falta de moradia.

Esse pontífice conhece de perto os desastres da idolatria do dinheiro incentivada pelo capitalismo. Como jesuí-

ta, sua espiritualidade inaciana lhe ensinou que somente a austeridade e o encontro com os pobres reais podem afastar da idolatria. “Se sairmos de nós próprios encontraremos os pobres. Não podemos ser cristãos que falam de assuntos espirituais enquanto tomamos chá sossegadinhos. Não! Temos de ser cristãos corajosos e ir ao encontro daqueles que são a carne de Cristo”. Esse amor incondicional aos pobres aparece desde o primeiro instante de seu pontificado, quando escolheu o nome de Francisco. Dom Cláudio Hummes lembrou-lhe: “não te esqueças dos pobres”.

Os pobres estão na origem do conceito de ecologia integral. Francisco explicita detalhadamente a relação entre os pobres e a vulnerabilidade da criação: a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos (LS, 141). A relação entre a escuta do clamor dos pobres e a do clamor da terra dá à LS sua especificidade, preparada antes por EG:

Não podemos deixar de reconhecer – destacando o primeiro capítulo de *Laudato si'* – que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres (LS, 49).

Voltando ao Evangelho, Francisco faz um apelo a “cuidar da fragilidade” (EG, 209-216) dos pobres e da terra. São Francisco de Assis inspira seu discurso: “Pequenos, mas

fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis, todos nós, cristãos, somos chamados” – são os termos com os quais o papa resume seu percurso – “a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos” (EG, 216). A crise de civilização exige tanto cuidar dos pobres quanto da criação. Não há ecologia integral sem cuidar dos pobres. Papa Francisco: “Quem tem os meios para levar uma vida decente, em vez de estar preocupado com os privilégios, deve procurar ajudar os mais pobres a terem acesso a condições de vida respeitadas da dignidade humana”.¹

É uma verdade fundamental do Cristianismo. A DSI tem seu coração no Deus revelado em Jesus, o Deus do amor fraterno, da vida e da justiça com os pobres da terra. Deus é encarnado em Jesus pobre-crucificado para o Reino de Deus e sua justiça, em fraternidade em solidariedade com os pobres, para nos salvar e nos libertar de todo mal, pecado, morte e injustiça. Deus, em Jesus, vem para nos libertar do pecado do egoísmo e dos seus ídolos da riqueza.

Os pobres habitam o coração da Igreja, marcam sua presença no mundo e sua missão evangelizadora: “Igreja pobre para pobres”. Isso é algo rotineiro em seu ministério pastoral, em seus gestos e discursos. Essa centralidade dos

¹ Mensagem ao Presidente do Fórum Econômico Mundial de Davos, Suíça (23-26/01/2016). <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20180112_messaggio-davos2018.html> Acesso em: 19/08/2018.

pobres não é algo absolutamente novo. A preocupação com os pobres sempre foi um aspecto importante da vida eclesial. A DSI tem seu coração no Deus revelado em Jesus, o Deus do amor fraterno, da vida e da justiça com os pobres da terra.

3. Dimensão profética

O Papa Francisco tem sido um crítico mais implacável do capitalismo neoliberal. “Quem governa então? O dinheiro. Como governa? Com o chicote do medo, da desigualdade, da violência econômica, social, cultural e militar que gera sempre mais violência em uma espiral descendente que parece não acabar nunca. Quanta dor, quanto medo!”.² Francisco define essa economia como ditadura sutil e insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.³

² III Encontro Mundial dos Movimentos Populares, Vaticano, 05/11/2016. <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html>. Acesso em: 15/08/2018. Em continuação: III Encontro.

³ II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, Bolívia, 09/07/2015. <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html>. Acesso em: 15/08/2018. Em continuação: II Encontro.

Quantas palavras se tornaram molestas para este sistema! Molesta que se fale de ética, molesta que se fale de solidariedade mundial, molesta que se fale de distribuição dos bens, molesta que se fale de defender os postos de trabalho, molesta que se fale da dignidade dos fracos, molesta que se fale de um Deus que exige um compromisso em prol da justiça (EG, 203).

A teologia social de Francisco deslegitima moralmente o sistema em seu coração corrompido. Questiona e nega os elementos estrutural-constitutivos perversos do capitalismo teórico, prático e real.⁴ O sistema hegemônico (EG 54; 56; 59; 203) se caracteriza como uma “economia da exclusão”, um “mercado regido por uma “autonomia absoluta” (EG 202), cujos interesses são “regra absoluta” (EG 56), um mercado divinizado (EG 56). Esta última expressão revela um traço tipicamente profético: o recurso direto e sem mediações hermenêuticas à Palavra de Deus, especialmente visível no uso do conceito de idolatria (“mecanismos sacralizados” (EG, 54), “idolatria do dinheiro” (EG, 55; 57), “rejeição de Deus” (EG, 57). Também é profético recorrer a julgamentos lapidares, dos quais o mais notável é, sem dúvida, a afirmação de que “o sistema social e econômico é injusto em sua raiz” (EG, 59).

⁴ GASDA, Élio. Essa economia mata (EG, 53). Crítica teológica do capitalismo inviável: Perspectiva Teológica, v. 49, n. 3, p. 573-578, 2017.

Esse sistema fez do dinheiro um ídolo que exige sacrifícios de inocentes. “O capitalismo desregulado é como Herodes que semeou a morte de inocentes para defender seu próprio bem-estar.” Trilhões de dólares são desperdiçados no complexo industrial-militar e no socorro ao sistema financeiro, enquanto milhões de seres humanos são abandonados nos infernos da fome, do analfabetismo, da guerra, do desemprego. Francisco denuncia a opressão sobre os pobres e a espoliação do trabalhador como dois pecados que clamam a Deus. “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24).

O capitalismo é incapaz de distribuir a riqueza produzida a todos os membros da sociedade. É um sistema que explora, marginaliza e exclui. Francisco questiona e deslegitima moralmente o capitalismo, nega seus elementos constitutivos e estruturais perversos, como também sua antropologia burguesa do individualismo egoísta e insolidário, sem nenhuma preocupação com o bem comum: “Se cada ação tem consequências, um mal embrenhado nas estruturas de uma sociedade sempre contém um potencial de dissolução e de morte. É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor” (EG, 59).

4. Pensamento social articulado

Os temas principais da DSI já estão presentes no documento programático de Francisco, a Exortação *Evangelii*

gaudium. Sem ser um documento social, não somente contém numerosas afirmações sobre temas sociais, mas enuncia princípios orientadores para a busca da paz e da justiça social. No capítulo IV, dedicado à dimensão social da evangelização, analisa as repercussões sociais do anúncio do Evangelho, há uma seção denominada “O bem comum e a paz social”. Nesse capítulo o pontífice estabelece novas perspectivas a partir das quais repensar as relações sociais.

Em EG a dimensão social não é acrescentada ao Evangelho, mas tem com ele uma relação interna e intrínseca:

Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. [...] A proposta é o Reino de Deus (Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos (EG, 180).

Unidade teológica entre criação e Reino de Deus. *Evangelii gaudium* parte do “Evangelho do Reino de Deus”, e *Laudato si’* dedica o segundo capítulo ao “Evangelho da Criação”. A dimensão social está inserida desde as origens.

O ensino social ocupa lugar privilegiado nos dois grandes textos de Francisco. Um capítulo inteiro da EG – capítulo 4: “A dimensão social da evangelização” – encontra-se no centro da Encíclica *Laudato si’*, sobre o cuidado da casa comum: “Esta carta encíclica se insere no magistério social